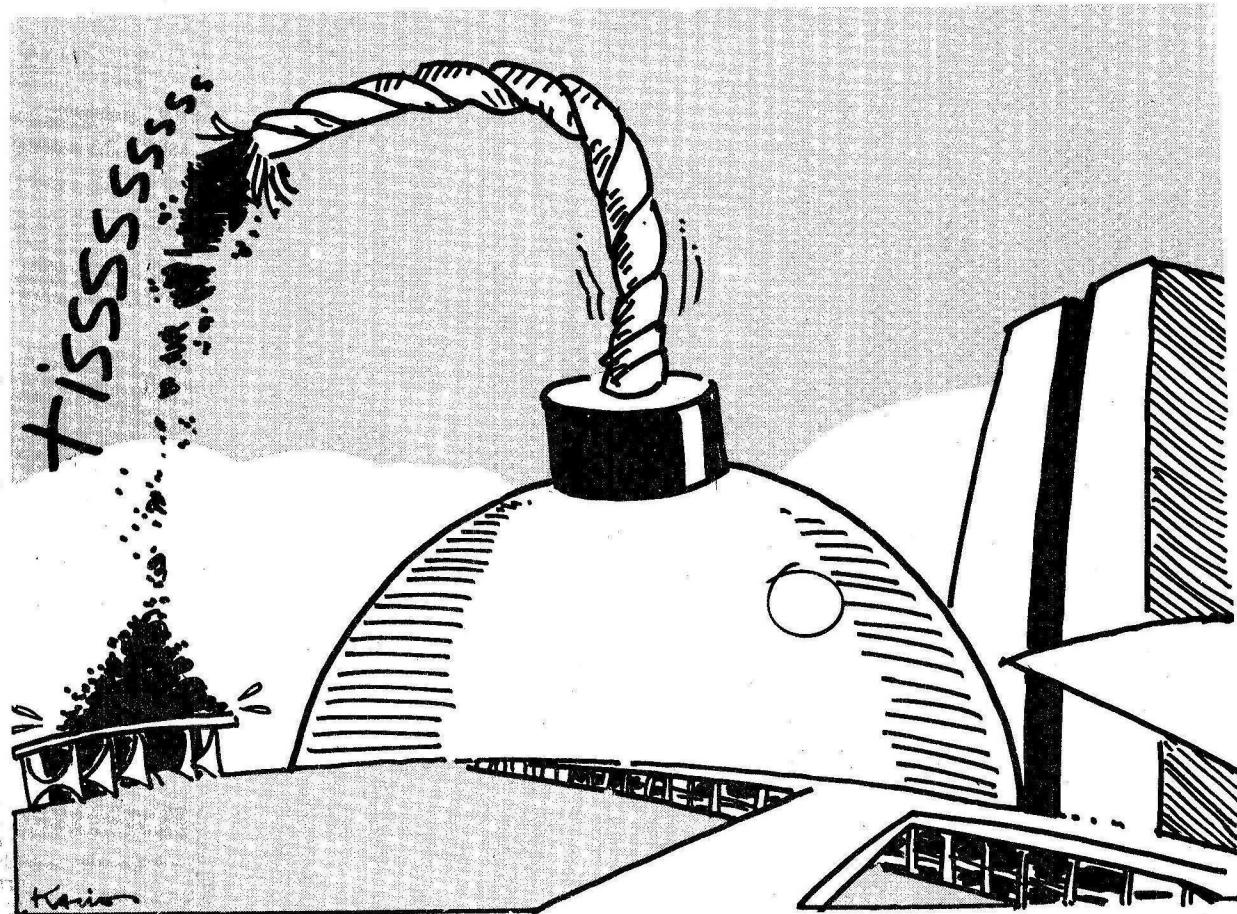


Senado forma bloco de oposição

Depois da CPI da Corrupção, governo pode ganhar mais 42 inimigos



REJANE MEDEIROS
Da Editoria de Política

Ofuscado pelo brilho da Constituinte, o Congresso Nacional praticamente não tem se reunido desde o início dos trabalhos de elaboração da nova Carta do País. Engana-se, porém, quem imagina as duas Casas legislativas em estado de hibernação. O Senado Federal — que já ocupa importantes espaços na imprensa com a CPI da Corrupção — reserva para esta semana outra importante novidade política: entre terça e quarta-feira, um grupo integrado por um mínimo de 38 e um máximo de 42 senadores (veja o quadro) formalizará a criação do bloco de maioria naquele Casa. O bloco — e aí está a surpresa — é de oposição ao Governo.

Na prática, o Palácio do Planalto já começou a sentir a ação da maioria oposicionista no Senado. Basta citar dois fatos ocorridos na semana passada: na terça-feira, o ministro Majlson da Nóbrega foi bombardeado pelos senadores ao comparecer ao plenário para explicar o congelamento da URP; no dia seguinte, aprovou-se naquela Casa um projeto destinado a alterar significativamente os cálculos de correção do Imposto de Renda, contra todos os interesses do Governo na matéria.

Mas o senador Mendes Canalle (PMDB-MS), encarregado da coleta de assinaturas para a formalização do bloco, promete muito mais ação para os próximos dias. "O País está mergulhado numa crise sem precedentes. A população, totalmente desanimada. O nosso objetivo no Senado é exatamente trazer os problemas nacionais à tona e, desta forma, motivar a opinião pública a procurar caminhos para sair da crise", esclareceu o parlamentar.

O caminho mais curto, para a maior parte dos senadores oposicionistas, é a realização de eleições presidenciais ainda este ano. Segundo Canalle, contudo, não é este o ponto central de identidade entre os componentes da nova maioria parlamentar: "Para ingressar no bloco, não exigimos de ninguém a defesa do mandato de quatro anos. Basta que concordemos quanto à extensão da crise e a necessidade urgente de enfrentá-la, naturalmente através de políticas favoráveis aos interesses nacionais e sem vacilações".

Até a tarde de sexta-feira, o senador peemedebista já havia colhido mais de 30 assinaturas de colegas dispostos a participarem da ala oposicionista. A sua expectativa era chegar às 39 subscrições ao final do dia, reunindo portanto dois votos a mais do que a maioria absoluta do plenário,

que é de 37 senadores. O líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, é mais otimista: nas contas dele, este número poderá chegar aos 42.

Encerrada a coleta das assinaturas, o próximo passo será encaminhar à Mesa do Senado um ofício comunicando a criação do bloco. Neste momento, o senador Itamar Franco (MG) ganhará o instrumento legal de que precisa para terminar o que começou na semana passada, ou seja, destituir o senador Saldanha Derzi (PMDB-MS) do cargo de líder da maioria. Numa tumultuada sessão ocorrida na última quarta-feira, Itamar impediu Derzi de indicar seu colégio de vice-líderes, sob o argumento de que, antes, ele precisaria provar que o Governo é efetivamente majoritário naquela Casa do Congresso. A Mesa acatou a questão de ordem do parlamentar mineiro.

Se não conseguiu reunir as adesões necessárias para garantir o cargo de Saldanha Derzi — pelo simples fato de que não tem mesmo maioria no Senado —, o Palácio do Planalto reagiu à onde oposicionista que arrasta os senadores. Numa jogada em que o próprio presidente Sarney se envolveu pessoalmente, o senador Carlos Chiarelli (PFL-RS), um dos expoentes da CPI da Corrupção, foi substituído na liderança do PFL pelo paraibano Marcondes Gadelha. Antigo reduto governista, a bancada pefelista encontra-se hoje praticamente rachada ao meio: entre os senadores apoiados Sarney, sete estão na oposição.

Ao que tudo indica, Chiarelli não sentirá falta do cargo. Primeiro, porque o novo líder do PFL já declarou que não pretende tirar-lhe a relatoria da CPI. Depois, porque o senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP) o quer como seu primeiro vice-líder no nascente bloco de oposição. Como se não bastasse, na sexta-feira passada ele foi guindado à presidência da nova Comissão de Fiscalização e Controle do Senado.

Nos próximos dias, Cardoso e Chiarelli vão se aliar aos esforços regimentais de Itamar Franco para varrer Saldanha Derzi da liderança da maioria. A medida é mais uma resposta política ao Planalto pelos acontecimentos registrados na bancada da Frente Liberal. Na prática, o estrago maior ficará por conta das decisões entregues ao plenário da Casa, entre as quais a aprovação de empréstimos para estados e municípios, a indicação de embaixadores e ministros de tribunais. A Constituinte aprovou dispositivos que ampliam ainda mais a influência do Senado nos negócios do Governo.